

SEMINÁRIO SOBRE A  
"QUESTÃO INDÍGENA"

TEMA: VISÃO ANTROPOLÓGICA E POLÍTICA DO ÍNDIO

DATA: 24.08.1978

CONFERENCISTAS: DARCY RIBEIRO - ANTROPÓLOGO

CARMEM JUNQUEIRA - ANTROPÓLOGA DA USP

PRESIDENTE: DÉLCIO VIEIRA SALOMON - DIRETOR DA FAFICH

PRESIDENTE DA MESA

Como presidente dos trabalhos desta noite, eu declaro, já aberta, esta primeira sessão do seminário sobre a questão indígena.

Apontando, mais do que apresentando, porque apresentação é desnecessária, os nossos dois conferencistas desta noite. O mestre, professor Darcy Ribeiro e a professora Carmem Junqueira. Antropólogos, ambos, que vão desenvolver um tema comum, conforme a programação. Este tema se intitula: A visão antropológica e política da atual situação indígena no Brasil, numa perspectiva histórica.

Como os cartazes tiveram a oportunidade de comunicar a todos, esse seminário, é uma promoção de um grupo de estudantes, juntamente com o Departamento de sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Este grupo, tem como objetivo, abrir a discussão em torno do tema, de forma a contribuir para o enriquecimento da antropologia em Minas Gerais.

Apenas para questão de ordem, os dois conferencistas, falarão em sequência e após o segundo tema desenvolvido pe que teremos o debate e a discussão. Então, temos o prazer de passar a palavra ao Professor Darcy Ribeiro.

O professor Darcy Ribeiro pede para a Professora Carmem falar primeiro.

CARMEM JUNQUEIRA:

Olha, eu gostaria também aqui, de só ficar ouvindo o Darcy, mas eu vou falar umas coisinhas para vocês, principalmente, com um intuito: quando se discute a questão indígena, às vezes, há uma certa tendência, de nós mesmos, nos aliarmos à questão indígena, ou batalharmos pelo maior bem estar do índio, pela sua sobrevivência, às vezes pautado em razões puramente emocionais, afetivas. Eu tenho a impressão que é bem que isto aconteça, mas eu acho, que nós temos outras razões também para sairmos em defesa do índio. Porque eu já ouvi inúmeras vezes a seguinte pergunta: (durante palestras; bate-papos com estudantes): Porque vocês defendem tanto o índio, quando temos, não sei quantos milhões de crianças passando fome?

A pergunta verdadeira, não é? E realmente se você defende o Índio apenas por uma questão afetiva, apenas por uma questão saudosista, ou uma questão folclórica fica muito difícil de responder esta pergunta, Então, eu gostaria de dizer algumas palavras, que talvez nos ajudassem a fazer a defesa do Índio, por um outro ângulo, além das razões afetivas, tá?

Eu vou mostrar uma porção de papel aqui para vocês, mas eu não vou ler tudo não. Eu vou pular uns negócios, que são uns apontamentos que eu fiz agora mas, como não tinha máquina de escrever, então eu fui escrevendo, pulando ... Então não é tudo isso; é menos.

Eu acho que para se tentar entender de uma forma correta, a problemática indígena a gente deveria tentar partir de uma lição, que é o próprio Darcy Ribeiro, que já nos deu. Isto é; de tentarmos ver também a nossa própria cultura, a nossa própria forma de organização social, também como transitória, e, se nós realmente temos, tivemos êxito em compreender a nossa sociedade, a nossa forma de vida cultural, como uma forma transitória, isto é, como uma forma que não há lugar para categorias fixas, para coisas eternas como: O Homem, A Família, o Estado, quer dizer se nós conseguimos ver isso como momentos da nossa história, eu tenho a impressão que nós demos o primeiro passo pra conseguir compreender a sociedade indígena. Porque nós passamos a compreender a nossa cultura, a nossa vida social, como uma modalidade entre outras, de se viver a vida. Uma modalidade. É dessa forma, então, o destino da Humanidade não fica sendo exatamente reproduzir sempre este estilo de vida em que nós vivemos. Desse modo então, eu acredito, que uma das razões pelas quais nós deveríamos fazer a defesa inestrita das populações indígenas (das sociedades indígenas) acho que seria com o intuito de fazer um exercício democrático de garantir condições para que sociedades com culturas diferentes se desenvolvam a escolham o seu dever.

Eu vou dizer a vocês; isto parece muito óbvio, o que estou dizendo, né? Mas, eu tenho a impressão que é muito difícil para nós, aceitarmos a diversidade. Se você olharem historicamente, é muito mais fácil a gente impor um padrão de homogeneidade. Agora, o padrão de homogeneidade é sempre o nosso padrão, e eu acho que se nós olharmos um pouco para trás, nós vamos ver que esse padrão de homogeneidade que nós sempre tentamos impingir, tem várias faces. Uma delas é a fase de autoritarismo, que pode variar desde os ideais de eugenia, que é proposta pelo nazismo, até formas mais disfarçadas de se querer homogeneizar as sociedades indígenas, de fazê-las à nossa semelhança. Eu acho, que todas essas formas, indo das formas mais grosseiras do autoritarismo, como no caso de eugenia, até o caso, não tão grosseiro, mas bastante autoritário também, como de algumas autoridades, de querer que em cinco anos não setenha mais Índios, mas se tenha, 20 mil pedreiros, 10 mil encanadores, todos eles, Kaingang, Terena Gavião etc.

Acho que é uma expressão do autoritarismo, e a gente precisa ficar atento a isso. Eu acho que, quanto mais democrática uma sociedade, mais ela permite a existência dentro de si, a fecundação de diversidade. E gente sempre pensa nisso porque as vezes a gente é um pouco autoritário, viu? Dentro das organizações nossas, né?

Mas, há também um outro modo da gente abordar o problema da diversidade cultural, e que eu acho que deveria ser uma boa justificativa, um bom amparo para a defesa das sociedades indígenas. Se nós olharmos assim do ponto de vista antropológico, do ponto de vista sociológico, às condições necessárias para a sobrevivência de um indivíduo, a gente tira a conclusão que um indivíduo, para sobreviver precisa muito pouco, não? Ele precisa obter alimento, abrigo, algumas formas de repouso e quase nada mais, não? Então a gente chega a conclusão que às condições necessárias para a sobrevivência de um indivíduo, não são iguais às condições necessárias para a sobrevivência de uma sociedade. Isto é; para uma sociedade existir nós temos que assegurar muito mais coisas que a mera sobrevivência de um indivíduo. Para uma sociedade se reproduzir, isto é, continuar a existir, nós temos que pelo menos garantir a existência não só dos produtores, mas também dos futuros produtores, não?

Eu estou dizendo a vocês então, que as condições de reprodução de um trabalhador, não são equivalentes às condições de reprodução da economia, isto é, as condições de reprodução da economia, não são redutíveis a reprodução dos trabalhadores individuais. A gente pode dizer. É óbvio isto, não? E se nós olharmos na nossa própria sociedade, cada um de nós que trabalha, sustenta eventualmente um adulto, crianças ou uma pessoa que não pode trabalhar, ou o que seja. Então vocês vejam que em todas as sociedades do mundo, há necessidade dos trabalhadores, trabalharem, não só para si, mas também trabalhar um pouco para outros membros da sociedade. Isto é, a gente poderia dizer então, que em toda sociedade a necessidade de um trabalho excedente, por parte do trabalhador, quer dizer um trabalho executado além das necessidades do sustento do indivíduo que trabalha.

Bem, mas então vocês vejam o seguinte: se em todas as sociedades, sem exceção, isso ocorre (a gente vê que não é importante citar este fato) mais importante então é discutir como esse trabalho que é realizado pelo trabalhador e que vai além das necessidades para o seu sustento, como é que esse excedente é apropriado. E nós temos então um vastíssimo registro etnográfico, que mostram como nas sociedades indígenas o trabalho podendo ser familiar, podendo ser realizado por um grupo de residência, podendo englobar várias famílias, enfim, as tarefas de produção podem variar demais, o que tende a não variar é a forma de apropriação; forma essa, que tende a ser igualitária.

Que vem a ser essa forma de apropriação igualitária.

Quer dizer, que todos gozam, quando há abundância e todos sofrem, quando há penúria.

Por maior que seja entretanto, a simplicidade tecnológica dessas sociedades nós não podemos dizer que sejam sociedades onde haja pobreza. Não sei o que o Darcy acha disso, depois ele pode explicar para gente, mas eu tenho a impressão que a pobreza é um conceito relativo, é um conceito inclusive que se põe ao conceito de riqueza.

Então essas sociedades, que nós chamamos de sociedades indígenas, sociedades que repartem de forma igualitária, aquele trabalho excedente realizado por cada trabalhador, são sociedades que vivem na abundância, se há abundância e que podem passar momentos de penúria; mas são sociedades onde não há pobres. Depois a gente pode discutir mais isso, se vocês quiserem.

Bem então aqui, nós podemos ensaiar um outro amparo para a nossa defesa das sociedades indígenas. Vocês vejam que se por um lado era um exercício democrático permitir-se a heterogenidade de formas de vida social, nós vamos ver, que é aqui um exercício de sabedoria a gente garantir condições para a existência de sociedade que exercitam relações igualitárias. Relações que talvez, de acordo com alguns, nós vamos precisar de milhares de anos para alcançar.

Talvez então seja um exercício de sabedoria, a gente permitir que essas sociedades continuem a existir, desenvolvam um tipo de relação que nós já nos esquecemos. Talvez tenhamos exercitado há centenas, milhares de anos atrás e não sabemos mais exercitá-la. Podemos exercitá-las (talvez) dizem que daqui a mil anos, outros dizem que a novecientos, eu não sei, exatamente quando, né?

Mas, de qualquer forma, então vocês vejam: Eu contei a vocês duas razões pelas quais nós poderíamos conduzir ou amparar o nosso apoio às nossas sociedades indígenas. Fica interessante agora, a partir dessas duas coisas que eu mostrei a vocês, a gente pensar um pouquinho, como é que ainda as sociedades indígenas, que cuidado elas tem merecido aqui no Brasil nesses últimos anos.

Já foi dito, por vários autores, inclusive de uma forma bastante completa pelo próprio Darcy Ribeiro, como o avanço das nossas fronteiras econômicas acabam por ir destruindo essas sociedades. Darcy, no livro dele; "Os índios e a civilização" nos mostrou isso com bastante profundidade, e eu gostaria então de discutir o que está acontecendo atualmente.

Vocês vejam: A expansão da economia nacional, iniciada em 1968 entra num ciclo assim, de alta, né? Após quase um quinquênio de retratação, só para vocês terem uma idéia, quer dizer, esse período que é denominado "milagre brasileiro", ele realmente exhibe um crescimento do BIP de, me parece, de 10% ao ano, e é interessante que é nesse período chamado de "milagre brasileiro" que se inicia em 68, que nós vamos ver uma repetição bastante grande, das violações de territórios indígenas, e por conseguinte um saldo para a organização dos grupos tribais e etc.

Apenas para ilustrar esta política, iniciada em 68, ou esse ciclo iniciado em 68, nós podemos ver por exemplo, o aumento das atividades de mineração na Rondônia e invasão de terras de toda aquela população indígena, inclusive a invasão do parque do Aripuanã; abertura das estradas na bacia Amazônica (a partir de 1970) afim especial a Transamazônica; a construção da rodovia Cuiabá-Santarem e a dizimação dos Kreen-Akarorz.

Bem isso nos não estamos fazendo denúncia ao progresso se é que abertura de estradas representam um progresso substantivo) o que eu quero dizer a vocês, é que essas implementações técnicas, elas deixam mais efeitos do que a gente pode imaginar à primeira vista, e que é possível, no meu entender, você fazer mineração, construir estradas, sem ter que dizimar povos. É só isso que eu estou querendo mostrar a vocês.

Agora o modelo; se nós adicionarmos tudo isso ao modelo de ocupação por exemplo da Amazônia, os incentivos fiscais que todo mundo conhece e o privilégio da agro-indústria, o processo de deflorestamento ativado a partir de 1970, quer dizer isso tudo tem de fato, feito com que as populações indígenas necessitem cada vez mais de proteção. Por que? Vejamos não só destruindo a ecologia, mas privando

essas sociedades, inclusive de direitos mais fundamentais, como a de direito à terra (já prã não dizer de direito à caça, do direito à pescar, de direito à movimentação) de direito à um simples pedacinho de terra para fazer uma plantação de mandioca.

Agora, o mais grave, que eu gostaria de colocar para vocês para gente debater um pouco, é que exatamente quando nós estamos no pico deste "milagre" (que seria exatamente, o período 68-75) conhecido do ponto de vista político como o auge do <sup>esta</sup> autoritarismo, é incrível (não sei se é incrível, talvez seja normal) que o "milagre", coincide com uma das gestões mais autoritárias dentro do próprio órgão de proteção as populações indígenas. Então o que ocorre, é que, de fato, a partir de 1968, nós estamos assistindo a uma aceleração do processo de extermínio dos últimos 100 mil índios que existe no Brasil. Esse processo, tem sido mascarado de diversas formas, mascarado inclusive como foram de desenvolvimento social, sempre realizados de uma forma bastante autoritária. E como eu acho que o Darcy vai colocar para vocês, (eu não sei se ele vai discutir) você vai discutir o da emancipação, né Darcy? (Afirmção de Darcy Ribeiro)

Então vocês vão ver, por exemplo, um dos recursos utilizados para acelerar esse processo, vai ser exatamente a tentativa de se decretar a emancipação de alguns grupos indígenas. Enfim, eu tenho a impressão que o nosso Estado, trabalha em várias frentes. Não com o intuito assim de exterminar, mas é porque no afã de depredar, acaba exterminando essas populações.

Agora restaria então a gente pensar o que fazer, porque eu para mim me angustia muito, imaginar a questão indígena, e de fato não ver uma solução, inclusive um solução política para isso.

Porque são populações que não tem voz de representação? por exemplo, não tem nem um índio aqui na mesa discutindo e no entanto a gente toca a discutir o destino deles. Então eu gostaria de não ficar apenas assim, só na denúncia dessa situação, mas colocar talvez, duas ou três coisinhas a mais para gente debater também, né?

Se a gente der uma olhada em toda essa população indígena, que nós conseguimos destruir através destes quatro séculos, nós vamos ver que há pelo menos dois mecanismos essenciais de dominação exercido sobre elas. É claro; há uma dominação de classe econômica, que se revela principalmente em alguns estados onde as populações indígenas já se tornaram boias-frias, trabalhadores braços da agricultura e então a gente percebe muito bem a dominação da classe operando.

Mas, há uma outra forma de dominação, que eu diria que seria uma coerção extra-econômica, política. De um lado nós temos o índio, ou pequeno produtor de alimento simplesmente um assalariado rural, mas, nestas duas situações, ou em qualquer outra, nós temos sempre um trabalhador, que em última instância é índio, isto é: inferior, com categoria social e étnica inferior.

A essa segunda categoria, que eu estou chamando de dominação extra-econômica, quer dizer que não basta a população indígena ser explorada como trabalhadora, mas ela também é humilhada pelo fato de ser índio.

Bem, a primeira contradição, é claro, o problema da exploração de classe. A população indígena compartilha com uma imensa classe explorada brasileira e eu tenho a impressão, que é muito importante estabelecer este traço de união. Quer dizer; no momento em que o índio (quer como boia-fria, quer como peão) subordina a uma outra classe, ele compartilha também com muitos brasileiros de uma mesma sorte.

No segundo tipo de coerção, a população indígena compartilha alguns segmentos da população brasileira, talvez com negros, talvez com mulheres, enfim; sofre uma série de restrições políticas, uma forte discriminação, mas, de qualquer forma, a gente vê que embora as duas apareçam como forma de dominação, elas tem qualidades diferentes e é (evidente que é muito mais doloroso ao índio se submeter a uma discriminação odiosa, do que exatamente estar se submetendo ao capital.

Na sua consciência pode parecer pior se submeter etnicamente, mas, se nós estamos pensando de uma forma um pouco mais ampla, nós temos que valorizar, temos que hierarquizar essas duas situações. Neste sentido, eu tenho a impressão que a luta indígena é um problema diretamente ligado (basicamente ligado) pa uma luta em busca de formas mais democráticas de convívio social. Luta mais democrática, forma mais democrática de convívio social, é uma luta que não pode ser (no meu entender), desvinculada da luta contra a sujeição de classe, sob pena de se estar lutando por liberdade política, baseada na escravidão econômica.

Então, discutir a questão indígena, através de uma postura apenas idealista, politicamente impotente, que encerre a população indígena apenas numa luta contra o mundo do branco, sem explicitar de fato o que significa esta sigla: "O mundo do branco"; eu acho que é acenar por uma libertação étnica em abstrato. Porque, de fato, a população indígena tem necessidades que são concretas. Tem fome, tem necessidade de terra, e está alienada de uma série de processos importantes da nossa sociedade.

Então, (eu que estou pensando) é claro que a capacidade de reação dessas populações, depende da intensidade e da duração com que tem sido sufocada as suas aspirações às suas liberdades. É possível que as próprias populações indígenas, muitas delas, não reajam a esse desafio enorme, mas, (eu) principalmente nestes últimos dois anos, o que eu tenho visto em termos de "florescimento de consciência indígena", (eu acredito que) a avaliação que algumas dessas populações tem feito de suas próprias necessidades, a forma que eles tem buscado para satisfazerem essas necessidades, mais que isto, a avaliação que essas populações tem feito sobre os obstáculos que o capitalismo impõe ao seu projeto étnico, eu acredito que sejam elementos que se pudrem ser filtrados num crescimento político, podem vir a gerar uma prática efetivamente libertadora.

Quando eu d'go prática libertadora e coloca esta prática libertadora como índio ao lado de outros brasileiros, eu não, estou dizendo necessário ao índio abrir mão de sua identidade, de suas tradições. Eu tenho a impressão, que o "mundo do futuro", não vai ser um mero aperfeiçoamento do mundo capitalista, mas, acredito que também não venha ser uma mera réplica desenvolvida da vida tribal.

Então eu acho, que às contradições como as que vivemos hoje, entre outras, contradições menores como: velhos e jovens, homens e mulheres, ou contradições um pouco mais sérias, como essas alimentadas pela ideologia de superioridade branca, acho que elas podem ser superadas somente ao longo da luta pela supressão das classes, isto é, ao longo da luta pela construção de uma nova sociedade.

Com relação aos indígenas, então só pra terminar, eu acredito que seria importante que não se isolasse dos demais grupos oprimidos e que percebessem que o direito a ser indígena, só pode vigorar numa sociedade que comporte a diversidade. Numa sociedade que seja efetivamente livre.

Então gente, é isto que eu queria que vocês pensassem pra gente depois discutir um pouco tá?

Eu vou passar para o Darcy, agora.

#### DARCY RIBEIRO

Queridos amigos, eu gost muito de estar com vocês aqui. Estou muito satisfeito também por ter vindo, porque tive a oportunidade junto com vocês, de ouvir essa lição da Carminha. A Carmém Junqueira, para mim é a Carminha, que eu conheço há muitos anos. E é uma coisa bonita, ver uma pessoa amadurecer com uma mente tão aberta e bonita, com uma concepção tão equilibrada, com capacidade de falar de coisas tão candentes, de coisas que nos apaixonam, de uma forma tão sistemática. Eu creio que todos vocês sentiram a beleza deste discurso. A beleza deste discurso racional, a beleza desta Ciência Social que se dá ao homem, dessa antropologia que faz uma Antropologia fiel, ideal ao homem e não uma Antropologia conivente, que esmaga o homem, nega o homem, a nós, ao homem qualquer e ao homem indígena também.

Eu vou tentar acrescentar alguma coisa ao que disse a Carminha, trazendo o problema para o imediato, do que está nos jornais como uma introdução para discutirmos depois.

Eu creio, que o importante deste encontro nosso, é podermos dialogar, é vocês poderem fazer perguntas, colocar questões e nós esclarecermos na medida que possamos esclarecer, e que nós escutemos também à vocês, às idéias que vocês tem sobre isso.

Na verdade, nem Carminha, nem eu, nem ninguém tem uma solução para os problemas que nós vamos discutir. O problema indígena, não tem uma solução, solução cabal. Não há soluções terminais para problemas humanos, felizmente, talvez. O homem pe um projeto em si mesmo, em certas instâncias, em certos momentos, ele vive a negação de si mesmo e vive vicissitudes trágicas, tremendas, que o negam, que o esmagam. Esse é um momento assim, para muitos brasileiros entre eles, para os índios.

Quanto aos índios, o aspecto pior é de que se trata de uma brutalidade. Toda brutalidade seria inútil, mas, inútil no sentido que não custaria muito e o que corresponde aos brasileiros e que todos brasileiros queriam, é que aquele mínimo que eles estão pedindo e que eles estão necessitando, é que aquele mínimo fosse garantido à eles e é esse mínimo, que já foi garantido inclusive no passado, está

sendo negado agora. Que é o que está sucedendo.

Vou colocar alguns números, algumas informações básicas, para vocês terem elementos para pensar.

Os índios não seriam menos, os índios do Brasil não seriam menos, (eu calculo) que seis milhões quando aqui chegaram, os primeiros europeus. Se vocês tomam todo o território brasileiro hoje, mais o território uruguaio, mais o território paraguaio, que eram ocupados por tribos do mesmo tipo, então vocês podem afirmar que é muito provável que eles fossem seis milhões.

Eles eram seis milhões e os europeus eram nada. Depois eles eram seis milhões e os europeus eram mil, dez mil, cem mil, um milhão .... Em qualquer desses momentos, eles poderiam ter impedido a marcha do invasor, da enfermidade chamada "civilização" que atacava. Eles não reagiram, não puderam reagir, não se propuseram (talvez) a reagir sistematicamente.

O fato, é que num passado remoto, a disparidade entre índio e civilizado (para usar estes termos genéricos), era tão grande e tão favorável à eles, que eles podiam ser uma ameaça à civilização.

Hoje, quantos são os índios, todos os índios do Brasil?

Não são duzentos mil, ou seja, eles são tão poucos frente a cento e vinte milhões de brasileiro, que suceda o que suceda com eles, já não afeta o nosso destino.

Então, o primeiro argumento a torar, à primeira questão a esclarecer é esta. Que não nos venham dizer, que não nos venham repetir que os índios são obstáculo ao progresso, que os índios são um impedimento ao desenvolvimento do país. Não é verdade. Eles já foram tão esmagados, tão dizimados, tão reduzidos, que, suceda o que com eles, não afeta mais ao destino nacional.

E o que eles querem? Podem querer o lugar que eles ocupam, que é tão pequeno também, que já é quase imponderável. De todo o território nacional que eles ocupavam, eles estão reduzidos à uma parte tão insignificante, que, qualquer grupo de fazendeiros poderosos reunidos em torno de uma mesa, tem mais terra que os índios do Brasil, todos esses menos que duzentos mil, que seria o número dos índios.

Se vocês olham para Minas Gerais, onde havia muito índio num passado remoto, vocês poderiam dizer que nenhum grupo indígena de Minas Gerais, tem mais índios do que as pessoas desta sala. Eu suponho que o grupo principal, dos Maxa-Kalf, tenham menos gente que as seiscentas pessoas que estão nesta sala.

Que é isso que sucedeu com eles, que os reduziu tão tremendamente? E por que é, que já tão reduzidos, se quer continuar reduzindo? Qual é a raiz da inimizade contra os índios, que se sente de várias formas, e que se sente também na própria política oficial? Porque tanta inimizade contra tão pouca gente, que inclusive só tem voz na minha voz, na sua voz? Porque eles mesmos não podem, como Carminha disse, estarem aqui a defenderem sua própria causa?

Eu me tenho perguntado, qual é a motivação, que atrás de um homem muito poderoso, um ministro de estado, que delibera tomar medidas com respeito aos índios, que a juízo de todos antropólogos, ou menos antropólogo que não é funcionário, que não é funcionário, que não é paumandado de ministro nenhum, que a juízo de todos os antropólogos são atentatórias suas condições de sobrevivência, qual é



motivação? Quando me pergunto isso, tenho muita dificuldade (como vocês teriam também) de responder.

Um argumento que eu tenho ouvido, (e esse que eu elogio indiretamente) de que os índios seriam um obstáculo ao progresso, é bobagem, pois eles são tão poucos, que o argumento não é verdadeiro.

Há um argumento implícito, mas que anda por aí rodando. Esse argumento não é bem um argumento, é um sentimento, de gente tão atrasada, tão bruta e boçal, tão daninha em sua mesquinhez que tem muita vergonha de ser um país tropical, que tem cobras, negros e índios. Será o peso dessa mentalidade, dessa boçalidade, o que informa esta ação oficial?

Eu diria que não. Um ministro, um homem que chega a ocupar um cargo importante, de um povo que existe a nível de civilização, como o povo brasileiro, por ter vergonha que seu país tenha duzentos mil índios?

Ele deve saber, que os EUA tem dois milhões de índios e não está descontente, não está desmoralizado e tem dez vezes mais índios que o Brasil.

Então não será por isto. O que é que há atrás disto então? Qual é a motivação verdadeira? ou não há motivação nenhuma?

Eu suspeito e creio que vou demonstrar à vocês, que há motivações. Vamos tentar examinar agora o que sucede.

Esses duzentos mil índios, estão divididos por algumas centenas de comunidades, que podem ter seis índios ou seis mil índios. A maior parte delas está mais perto dos seis do que seis mil índio. Conta-se pelas mãos as comunidades que tenham cinco mil índios ; (conta-se em uma mão) e se conta em números muito maiores, os números de comunidades que tem menos de cem pessoas.

Esse "pô" de gente que está aí e que teimam em ser eles mesmos, o que eles aspiram é que sejam preenchidas, que sejam garantidas à eles aquelas condições ou aqueles requisitos mínimos para sua sobrevivência. Negar esses requisitos para que eles sobrevivam, é um ato de genocídio, é impedir que eles existam e é um ato de etnocídio impossibilitar que eles exerçam o único modo de existir, que é como eles são: índios, e tem uma modalidade particular de serem brasileiros, brasileiros de origem pré-colombiana, que guardam alguma língua, ou às vezes apenas o sotaque, algum costume e sobretudo um sentimento do mundo que faz deles, seres que se sentem diferentes.

Talvez não se sintam tanto, como nós fazemos com que eles se sintam e a pergunta aqui é esta: Porque o índio tem que ser índio? Porque o índio permanece índio?

Esta pergunta, para respondê-la, nós devíamos ser capaz de dizer; porque o judeu tem de ser judeu, porque o cigano tem que ser cigano, porque o catalão, na Espanha, tem de ser catalão. Porque esses povos, que são minorias, que são vistos como diferentes e se vêem como diferentes, permanecem eles.

O que nós sabemos é que uma comunidade humana, que mantenha continuidade de sua linha histórica, uma comunidade da qual os pais continuam criando os filhos, ela tende a permanecer identificada consigo mesma, ela tende a continuar mantendo sua identificação, sobretudo se ela é vista pelo seu contexto como diferente. Isto é o que ocorre com os índios.

Quando se diz Índio no Brasil, no passado ou mesmo no período um pouco mais remoto, a condição que nos evoca é alguém que está desnudo ou vestido de sua desnudez, (que é o modo de estar vestido) com seus arranjos de decoro, com seus, adornos, com sua pintura de corpo. É alguém que conserva seus costumes, é alguém que fala sua língua, é alguém que mantém uma visão do mundo e uma mitologia própria.

Quando se fala de Índio no Brasil hoje, o que significa?

O Índio é cada vez mais um ser parecido com outros brasileiros, que veste calças e camisas (pobres calças e pobres camisas), que trabalha com enxada e que vive uma vida miserável.

Esses Índios, o que precisam como requisito de sobrevivência, é um mínimo de respeito à sua comunidade, para que os pais criem seus filhos, de uma terra que não seja invadida todo dia, onde ele possa fazer seu roçado. É uma terra (se ele é um Índio pouco aculturado) que conserva seus costumes, uma terra em que seja possível a ele, enquanto depende da caça, caçar e pescar.

Pois bem, são essas condições mínimas que estão sendo negadas e que são cada vez mais negadas.

Das cinco centenas, cinco ou seis centenas de grupos locais indígenas, diferenciados, que existem no Brasil, menos de cem, ou pouco mais que cem, tem registro de suas terras. testes, só uma parcela tem terras realmente garantidas, mas quatro quintas partes vivem em terras das quais não tem documentos.

Pois bem, há dez anos atrás, foi feita uma lei que estabelecia um prazo de dez anos (que cumpre este ano) para que todas comunidades tivesse suas terras demarcadas. A obrigação que o governo se deu portanto, era de demarcar, (dar um título de propriedades) assegurar aos Índios aquela condição mínima, que era a cada comunidade dar alguma coisa; porque quando se fala de reserva, as pessoas estão pensando numa reserva tipo americana. Não, não se trata de nenhuma grande reserva. Os Índios dos EUA, tem alguma coisa como, cem vezes mais terras que os do Brasil. Os Índios dos EUA, tem territórios que somam uma área como a de Minas Gerais. Todas as terras dos Índios do Brasil mal dão um município grande.

Pois bem, quase todas as terras que estão asseguradas às populações indígenas, foram asseguradas no passado, por Rondon, pelo antigo SPI (Serviço de Proteção dos Índios).

A FUNAI (Fundação Nacional do Índio) que estabeleceu para ela a obrigação de demarcar as terras, não demarcou quase nenhuma. Em lugar entretanto, de cumprir com esse requisito mínimo para que os Índios possam sobreviver, garantindo as terras, o que tem feito a FUNAI? (por pressão do ministro e de figuras do governo que me parecem muito poderosas, porque essa idéia se reintegra e se repete sempre).

Vem oferecendo a comunidade indígena, muito mais que suas terras, aparentemente. Vem oferecendo a liberdade, a emancipação.

Você sabe o que é emancipação?

Se emancipou uma vez os escravos, se alforriou. Não seria uma espécie de alforria?! (os Índios precisam de tantas alforrias, que a palavra emanci

pação pode entusiasmar muita gente). Dizem emancipar os Índios, da tutela do Estado, e tirar das condições de orfão do Estado, fazê-lo cidadãos iguais aos outros.

Este é um discurso muito bonito, nós podemos crer que esse seja o propósito. Primeiro seria muito duvidoso, porque quem não dá aos Índios a garantia daquela terra, que a própria lei manda dar à eles, é suspeito, pois em lugar de terminar procura dar muito mais; que é essa promessa de "liberdade".

O que há atrás dessa idéia de emancipação?

Anos atrás, de fato em 1917, (numa conversa com Rondon) enquanto se redigia o código civil, tinha um problema: de que forma colocar dentro da comunidade dos brasileiros, alguns brasileiros atípicos; porque falavam outra língua, tinham outros costumes e não deviam estar submetidos a um delegado do quartirão? Para impedir que qualquer delegado entrasse por uma aldeia indígena à dentro, prendendo feiticeiro, desmoralizando o chefe da aldeia, era preciso dar à eles uma categoria especial, para que ele não fosse um brasileiro devassável, como todos os outros. E por reconhecer que os Índios tinham carências especiais; de amparo, de terra, de proteção contra enfermidades (são muito mais agressivas sobre eles, do que sobre nós) um amparo especial devia ser dado a eles.

Com esse objetivo, o código civil estabeleceu para os Índios uma categoria especial; dizendo que eles eram uma categoria de brasileiros especiais, no sentido de que eles não tinham uma responsabilidade civil igual aos dos demais no sentido de que a eles se podia atribuir todos os direitos, mas, deles não se podia cobrar todos os deveres. Para isso, o Índio foi identificado com a mulher casada, (que não tinha uma autonomia completa) com o pródigo (que é o débil mental) e com o menor de idade.

O Índio, menor de idade, mulher casada; teriam uma incapacidade relativa perante a lei. A lei mais tarde corrigiu, porque é um absurdo de prepotência machista, no caso do menor de idade, do pródigo, não, porque ele precisava de um amparo especial, porque tinha carências especiais.

O caso do Índio também- Nunca se entendeu que essa classificação do Índio tendo capacidade civil relativa, e sendo por isso objeto de órgãos especial de proteção por parte do Estado, nunca se percebeu ou se entendeu, que podia ser prejudicial à Índio nenhum.

Eu conheci, quantidades de Índios eleitores. O Índio de dezoito anos, alfabetizado, tem o seu título de eleitor. Quem negaria a um brasileiro (Índio) de dezoito anos, alfabetizado, o direito de ter um título e de votar?

Ninguém. Porque a incapacidade relativa não pode ser usada contra ele. Se um Índio (e eu conheci alguns) é capaz de locomover-se bem no nosso sistema econômico, de comprar um pedaço de terra e de ter uma vaca, duas vacas ou trinta e cinco vacas; ele pode vender, prá comprar as vacas e ele pode ter e vender suas terras. O que ele não pode, é vender as terras da tribo. Por isso, é que as terras da tribo são uma propriedade coletiva e alfenável da qual, é guarda o Estado, como tutor dos Índios.

Então, aqui é que se vai compreender o que é a emancipação que se quer dar. A emancipação é o que?

Emancipar os Índios, da condição do Índios, é declarar que eles não

existem como índios. Como a propriedade não é deles, é da tribo; se a tribo está dissolvida pelo ministro, não há terra, não há propriedade, a terra está livre para o ministro dar a quem ele quiser.

A operação é a mesma, se alguém, se o ministro, declarar que a família Matarazzo não existe mais. Se ele declarasse que não existe mais a família Matarazzo, não há Matarazzo. Ele podia dar ao secretário dele, à comadre dele, cada fábrica, porque seriam coisas de brinquetos. Se não há família Matarazzo, quem é que pode alegar, não é?

A emancipação de que se fala, é uma emancipação assim: emancipar o índio da condição de índio de tal tribo, porque tal tribo nem existe mais. É essa emancipação, tal qual o ministro colocou nos decreto, cuja minuta foi publicada, é uma emancipação que podia ser decretada pelo presidente da FUNAI, que é um funcionário público demissível pelo ministro, e esse funcionário que pode ser hoje um, outro amanhã, podia mediante um procedimento puramente burocrático, declarar que uma tribo está emancipada. Se ele declarar-se, nem a tribo, nem você, nem eu, nem ninguém podia reclamar, porque o ministro fez uma fechada, não havia nem direito de recurso.

A minha acusação, quando eu fiz a primeira análise disto, foi de que havia interesses subalternos atrás desta proposta de emancipação. Não se queria emancipar ninguém. O que estava atrás disto é a existência de territórios indígenas mais ou menos grandes, mas não comparáveis com os latifúndios imensos do Brasil. Mas, áreas de quatro mil, cinco mil, dez mil hectares, pertencente a grupos de dezenas, de centenas de índios e terras como aquelas do Rio Grande do Sul, que estão sendo invadidas, ou invadidas por fazendeiros que querem aumentar sua própria fazenda, ou para os próprios colonos, que, não tendo reforma agrária, tentam fazer uma reforma agrária por conta própria, invadindo a terra de gente mais pobre que eles; que são as terras dos índios.

Pois bem, aparentemente a tensão existente com respeito a essas terras e sobretudo as terras como no sul do Mato Grosso, de uma tribo do sul do Mato Grosso, que teve suas terras arrendadas pela FUNAI. Esses arrendatários, constituíram um grupo de pressão muito forte e esses arrendatários, perceberam logo que se se dá a emancipação dos índios, a tribo não existe mais e se eles estão como arrendatários, eles passam da condição de arrendatários, à condição de proprietários.

E então de perguntar: O propósito da emancipação, não é este?

De fato, a classificação atual do índio, como tendo uma capacidade relativa (civil relativa), o propósito é de proteção, como eu disse. É uma legislação protetora, de amparo, tal como a legislação que ampara a mulher grávida.

A mulher grávida, tem o direito de uma licença pré-parto e uma licença pós-parto. Pós-parto. Pois bem, qualquer ministro de saúde, podia decidir libertar a mulher disto, dizendo: Mas que vergonha! A mulher grávida diferente das outras? Vamos fazer todas iguais! Todas mulheres estão grávidas, ou todas as mulheres não estão grávidas, mas como vamos fazer todas iguais.

Então, emancipar é tirar isso.

Da mesma forma, a lei reconhece na legislação do trabalho, as garantias do menor que trabalha. O menor de idade que entra numa fábrica, tem certas garantias diante da lei. Então seria o caso para não tratar discriminadamente, para não proteger estas crianças (lo que é um absurdo) declarando que cada menor de sete anos de idade, ou de qualquer idade que entre numa fábrica é de imediato declarado adulto, para não haver discriminação.

O que eu estou dando a entender é isso: Deste propósito aparentemente libertário, atrás deste propósito de emancipação, se esconde outros interesses. Interesses, que não correspondem às necessidades de grupos indígenas nenhum.

Então é preciso que se faça um movimento de opinião pública. Porque realmente, a única arma que tem esses índios desarmados (já sem arco e flecha, que são tão poucos, que não podem agredir ninguém) a única arma que eles podem contar, é a nossa solidariedade, é que muita gente abra a boca e diga: Nós não aceitamos que no nosso país se faça isso, nós não aceitamos este retrocesso!

Há uns anos atrás, eu dizia aqui a pouco, até uns anos atrás, o Brasil tinha como padrão máximo do valor humanístico, a figura de Rondon, que todos respeitavam: o General Rondon. E Rondon foi uma figura tremendamente importante, por sua afirmação de solidariedade humana, de solidariedade aos índios.

Eu me lembro bem, que estava em Genebra, em anos tão remotos, (você não estavam nascidos) em 1954. Eu estava em Genebra representando o Brasil e falei do SPI de então, onde eu trabalhava e falei de Rondon e falei do princípio básico de Rondon, que é o seguinte: Ele estando à frente de uma tropa, construindo as linhas telegráficas que ligavam o Rio de Janeiro com a fronteira da Bolívia e depois ligaram o Acre (conquistado ao Brasil), o Rondon, fazendo a linha telegráfica para o Acre, à frente de uma tropa, foi atacado pelos índios Nambikuária, foi flechado e ele reteve à tropa dizendo: "Não! Morrer se preciso for, matar nunca. Nós somos os invasores, nós não podemos agredi-los. Vamos tentar ganhar a vontade deles, ganhar a autorização deles".

Esta frase dele; "Morrer se preciso for, matar nunca", é o ponto mais alto do humanismo brasileiro. Uma afirmação que não é utópica, porque quase uma dezena, mais precisamente, oito funcionários do antigo SPI, formados por Rondon, morreram em tentativas de pacificação de grupos indígenas hostis, sem nunca atacá-los.

Há dois casos, que eu conheço bem, de homens que morreram com revólver no coldre, sem tirar o revólver. Ou seja, é possível quando se trata de uma causa humanística e de uma posição séria como a de

Rondon, conseguir de brasileiros comuns, iguais à nós, esta coisa grandiosa que é; mesmo sendo atacado, não atacar. Então isso é uma bandeira do humanismo brasileiro.

Eu dizia, que em Genebra, eu havia dito isto. Quando eu fui convidado pela delegação indiana para jantar, fui conversar com eles, (com o intérprete) e o intérprete começou a me perguntar coisas. (Eu me lembro bem, que eu tinha muita dificuldade). Ele me perguntou se eu era juramentado e eu não sabia que diabo era juramentado. Levei muito tempo, até que ele me explicou, que ele havia jurado, por dez anos não colocar as mãos realmente em outras causas que não fossem a salvação dos povos minoritários da Índia e daquelas castas oprimidas da Índia. E ele imaginava que eu fosse um juramentado.

Não, não sou, (eu disse) e ele percebeu que eu era um homem liderado por uma pessoa (que era Rondon) e me perguntou uma coisa que eu sempre achei muito bonita. Ele me perguntou assim, muito solenemente, se Rondon era discípulo de Gandhi. Ora, ninguém perguntaria se o Rangel Reis é discípulo de Gandhi.

Isso dá uma imagem de como esse povo nosso vai mal. Ninguém perguntaria uma coisa dessas, ninguém teria a idéia de que há um propósito humanitário, um propósito de amor, um propósito generoso atrás disto.

Agora às perguntas, porque a Carminha me proibiu de continuar falando.

#### D E B A T E

Presidente da mesa:

Estão convidados a perguntar. Agora, eu pediria, por uma questão de ordem e para que todos possam usufruir do debate, que ele vasse o máximo o tom da voz na pergunta, porque me parece ter impossibilidade de chegar até à mesa.

Eu vou dar uma de intérprete, repetindo pedaços da frase dele.

" — Já que foi feita a denúncia em favor do índio, quais as maneiras mais eficazes para protegê-los, para preservá-los e o que poderia ser feito politicamente".

Darcy Ribeiro

Nós não temos poder nenhum de determinação. Nós temos o poder de opinião. Eu disse antes, que a única arma que podem contar os índios, a única arma com que eles contam, é a opinião pública, nacional e internacional.

Esta chamada "Lei de Emancipação" está provocando muita discussão lá fora. O Rangel Reis está fazendo muito mal a imagem do Brasil lá fora. Em muitos lugares, está se dizendo, que esta é uma tentativa de genocídio, de liquidar com população primitivas, que são caras, faces do homem.

Pois bem, o que podemos fazer? Podemos fazer mais reuniões como esta. Podemos discutir mais. No seu caso, voce é professor, aluno de uma escola; junte gente prá falar, prá discutir, prá fazer uma reunião.

Opinião pública, é o que pode mobilizar. Vivemos felizmente, começamos a viver, um tempo em que voltou a haver liberdade de imprensa, em que começa a haver opinião organizada. A única garantia que temos nós, (que não temos nada) é ganhar a opinião pública. Para isso, é necessário criar uma corrente de opinião, tal que torne impossível isto.

Já agora, dado o fato de que isto foi denunciado e que reuniões como esta foram feitas em vários lugares do país inteiro. Já agora, dizem que não será tão brutal o decreto do Rangel. Porque antes ele podia fazer uma emancipação sem nem consultar a tribo. Dizem que eles vão consultar agora, para saber se algum índio quer se emancipado (eu suponho, que se consultar, nenhum vai querer). E é preciso acabar com isso, não é?

Mas, na medida que a corrente de opinião pública, aumente, se pode conseguir que não só esta ameaça não se cumpra, mas se pode conseguir coisas mais importantes. É que se cumpra a lei de garantir a cada comunidade indígena, aquelas terras que elas necessitam para sobreviver. Se pode conseguir coisas tão importantes como esta.

Imaginem o peso desta decisão. Em 1952, eu escrevi um projeto de lei para Getúlio Vargas, que foi convertido em lei e graças a esse projeto, feito com os irmãos Villas Boas, foi criado o Parque indígena do Xingu. Onde Carmem se formou como antropóloga aprendendo muito mais com os índios Kamayurã, do que dos professores dela.

Pois bem, as tribos do Xingu, existem hoje, porque nós percebemos, os Villas Boas perceberam, em 1950/1952, que se cada uma delas entrasse em contato direto com a civilização, elas estariam liquidadas, como ocorreu com as tribos de Minas Gerais.

Então, nós conseguimos que um território muito mais amplo, fosse destinado a ser um Parque Nacional e aos Índios, fosse permitido viver lá dentro.

Em função disto, os Índios puderam contar com o isolamento e com condições que possibilitariam a eles sobreviver. Hoje existem quatorze grupos indígenas no Parque do Xingu.

Um deles, os Yawalapití, já não existiam. Sofreram uma crise muito grande e no meio dessa crise, a tribo se desfez (homens e mulheres se dispersaram por várias aldeias). Os Villas Boas mereciam ser reverenciados por todo o mundo, só por este fato. É a única gente no mundo que criou um povo. Eles foram buscar cada um dos Yawalapití (eram sessenta), reuniram outra vez, fizeram uma roça para eles, fizeram casa, eram menos de sessenta, agora já são em número consideravelmente maior. Os Yawalapití tem uma possibilidade de sobreviver por algum tempo, mais isto porque havia um parque de Índios lá no Xingu.

Agora vejam: Há dois meses, este mesmo ministro, acaba de tomar uma decisão. De que na fronteira do Brasil com a Venezuela, onde existe um grupo muito maior que os do Xingu, os Índios não terão o seu parque.

Veja no caso do Xingu, nós argumentamos que era preciso deixar um pedaço de natureza, do Brasil central, para que os brasileiros do ano 3.000 vissem essa natureza intocada, nunca queimada, como ela existiu originalmente. E este foi um dos argumentos, para que conseguissem a criação do Parque indígena do Xingu.

Agora se argumentava, que era preciso que da Amazônia (que está sendo devassada, queimada, liquidada), que se deixasse uma grande amostra para os brasileiros do ano 3.000.

Pois bem, a decisão que acaba de ser tomada pelo ministro, é de dar a cada uma das dezesseis subtribos (da divisão do Brasil com a Venezuela) um pequeno território.



O que está atrás desta decisão? Está atrás desta decisão, de que gente vai entrar entre eles, e (eles serão ilhas invioláveis, eles não desaparecer.

Então, é preciso que exista opinião pública, reuniões dessas, que estas coisas sejam denunciadas e faladas, para que, os funcionários que tomam decisões, os ministros que tomam decisões, para que eles sintam, que eles estão atuando debaixo de uma vigilância da opinião pública e esclarecida e predisposta a apoiar a população indígena, não é?

Presidente da mesa:

A pergunta que me chegou por escrito é a seguinte (não sei se dirigida especificamente ao Prof. Darcy): — É sobre a desativação do Parque do Araguaia".

Carmem Junqueira:

Eu tenho a impressão que a intenção é mais ou menos a mesma do que vem sendo feito com relação a todas populações indígenas. Quer dizer, no Parque do Araguaia (que é da Ilha do Bananal) sempre houve problemas. Problemas com invasão de terras, problemas de se tentar sujeitar os índios a situações que eles não se sujeitam: houve problemas seríssimos administrativos. Então eu acho, que, uma questão de dois ou tres meses atrás (talvez o Egydio tenha mais dados que a gente), mas enfim, há uns dois meses atrás, resolveu-se que não iria se acabar com o parque; iria se desativar. Então, inclusive os funcionários principais, que estavam no Parque, saíram da Ilha do Bananal. Quer dizer, desativar significa o que? Para que serve um Parque?

Exato! Livre para invadir. Exatamente, porque o Parque os funcionários ali, eram um mínimo de garantia, uma presença federal. Quer dizer, a retirada disto, a retirada de outros recursos de assistência, quer dizer largar ali, a população para ficar mais fácil invadir, para ficar mais fácil submetê-la a tudo isso.

Não sei; Egydio, voce tem algum dado mais concreto sobre a Ilha do Bananal?

Egydio Schwade:

De fato, já estava a muito sendo entregue ao latifúndio o Parque do Araguaia. A gente denunciou isto varias vezes (desde 74) .

A entrega aos poucos: Primeiro era o arrudamento ao latifúndio, depois, eu sei de funcionários da FUNAI, que inclusive me dizia: Eu não quero chegar tarde, eu quero ter o meu lote.

Presidente da mesa:

Uma pergunta que acaba de chegar à mesa: — "Até que ponto, é válido uma intervenção (mesmo sendo pacífica) com objetivo de pacificar uma tribo indígena, mesmo tentando criar um Parque Indígena?"

Carmem Junqueira:

Bem, aí tem que se colocar a situação, de fato como ocorre, né? Quer dizer, as nossas fronteiras econômicas, capitalistas, vão de fato avançando e muitas vezes, inúmeras vezes, essas fronteiras se encostam aos territórios indígenas.

Então, eu tenho a impressão, que a idéia básica de Rondon (o Darcy pode me corrigir se não estiver correto) era de fato, evitar um mal maior, evitar efetivamente que houvesse um empate entre essas forças de expansão e as populações indígenas, que se agredidas, iriam reagir, como muitas reagiram e foram dizimadas.

De maneira, que é claro que sempre é uma intervenção, sempre é uma intervenção deliberada, na vida de uma população e deste ponto de vista, nós estamos longe de exercitar um humanismo puro.

Mas eu acho, que diante de nós imaginarmos que vivemos num país capitalista, mas com um capitalismo (como disse outro dia, Orlando Villas Boas) selvagem, predatório, que não respeita nem mulher, nem criança, nem índio, nem nada, então eu tenho a impressão que a pacificação é dos males o menor.

Isto é, tentar impedir que essas populações avancem para se defender, avancem contra o seu inimigo e sejam metralhadas, é só isso. Porque, se efetivamente essas populações fossem armadas, então poderia eventualmente imaginar, que eles poderiam se defender, se eles fossem cem milhões, cinquenta milhões, mas são, (como diz o Darcy) um "punhadinho" de pessoas "punhadinho", "pózinho" de gente.

Agora, é triste. Eu acho, que a pacificação é dolorosa, eu acho, para quem realiza, como no caso de muitos sertanistas sérios, ela é triste, porque é uma espécie de neutralização e uma espécie de domesticação das populações, é uma espécie de castração, se vocês quiserem. É triste!

O Rondon, no fim da vida (nê, Darcy?) parece que tinha uma opinião um pouco assim amarga, sobre pacificação, nê? Que foi que ele disse?

Darcy Ribeiro

A pergunta aponta para questões graves e difíceis. E como questões humanas, são questões com respeito as quais nós temos que tomar posições práticas...

Eu desejaria, que as tribos que eu conheci, na alegria, na glória, na beleza da sua vida intocada, distante desta civilização, eu desejaria que permanecessem!

Quem alguma vez, viu índios revestidos de corpos de saúde, de toda alegria de viver, com dentes que não conheciam cárie, com enorme alegria do corpo?, (que é uma coisa que contrasta tremendamente conosco). Nós somos pobres, povos sofridos, que agora começamos a reconciliar com o nosso corpo.

Nossa tradição judaico-cristã, é uma tradição feroz, que considera que todo gozo é pecaminoso (comer é gula, não sei o que, amor é eixúria). Quer dizer, toda essa tradição terrível, que nos emprega conviver com grupo, que considera Deus o que deu aos homens o seu corpo para sentir o amarelo com os olhos, para sentir o verde, para ver os verdes. Que sente a boca, (o que Deus deu de melhor foi a boca) para sentir os amargos e os doces, e aquelas outras peças, que a gente sabe, para sentir outras coisas.

Gente que sente isso, essa glória de viver (e que Deus às vezes vem ao mundo e se veste de homem ou de mulher, para gozar, para ser gente) gente que tem essa concepção, é de uma beleza incrível. Quem quer que uma vez teve esse contato, meso com índios já um pouco contaminados, (como aqueles que eu vi, que já tinham notícias da civilização), não se esquecerá jamais desta experiência.

Gente como Carminha e eu, está marcado por essa experiência, de ter visto gente que ainda não passou pela nossa civilização, que não entrou ainda neste moinho feroz que desfaz a gente, que cria a gente sem cara.

Quando vocês andam por uma rua, e passam por qualquer pessoa vocês passam por um cachorro, por uma pessoa ou por um poste, como se fosse coisa igual), poste, cachorro e gente é a mesma coisa na Avenida Afonso Pena.

Quando voce está numa tribo, onde cada pessoa está revestido de sua personalidade, (é filho de fulano, neto de fulano) quando voce chega numa tribo (como eu cheguei) e eles te perguntam (todos perguntam): — "Como é o nome de sua mãe? da mãe de sua mãe? e da mãe da mãe da mãe de sua mãe?" Ou seja, gente que acha que pode estabelecer um vínculo com você, que você tem que ser um ser humano, conhecido, identificável. Então eu gostaria que essa gente permanecesse.

A acusação tola (que às vezes fazem) de que os antropólogos queriam fazer dos índios, manter os índios, numa espécie de jardim zoológico, para que eles estudassem, é uma tolice. Simplesmente a condição humana, se ela pudesse ser mantida, deveria ser mantida.

O primeiro direito do índio, é o direito defendido por Rondon. (depois daquele princípio: "Morrer se preciso for, matar nunca") . O Rondon definiu o direito de ser índio, ou seja, de viver como seus costumes, sem que ninguém se meta lá, sem que missionário se meta lá, como metiam os missionários antigos, intolerantes, brutais, levando os grupos à desmoralização. Então esses princípios são de uma importância enorme.

Agora, qual é a situação real? É aquela de que Carminha falava. A civilização, ou a sociedade nacional (chamada civilizada) expande sobre um território que se considera seu. Nesta expansão, ela vai de encontro aos grupos indígenas. Ou bem voce prepara (bem ou mal) esses índios para o contato, ou eles serão dizimados ao primeiro choque.

Depois do primeiro encontro, os índios são atacados: gripe (a gripe mais trivial nossa, mata a metade da tribo) a metade que sobrou, morre de sarampo, a metade que sobrou, morre de não sei o que mais e o que resta no final, é um lama de gente. E é claro que se tem um amparo, uma assistência, muitos podem ser salvos, muitos podem sobreviver.

Vê como ocorreu no xingu, como ocorreu com os índios Tapi rapê (atendidos por uma missão do tipo nova, que realmente os amparou). Ou seja, há o que fazer com respeito aos índios e há o que fazer não cruzando os braços, deixando que eles tenham contato - não nenhum contato, porque isto não existe. - mas, o contato direto com os seus inimigos mortais, que são aqueles que invadem suas terras, que tentam dizimá-los.

Por exemplo, um caso clássico de um fazendeiro paulista, que ficou muito alegre quando disseram a ele que nas terras que ele

havia comprado em Mato Grosso (norte de Mato Grosso) havia índios. Ele disse: "Que coisa bonita! Ele se sentiu um emigrante, achou que era muito bom, até índio tinha, na terra dele. Ele seria um grande fazendeiro, um grande senhor; que até índio. Depois os advogados disseram a ele: — Olha, esses índios lá consideram a terra sendo deles. Então ele concordou que tinha que matar aqueles índios. Porque? Então esse homem, que se alegra de ter índio em suas terras e depois percebe que o índio podendo alegar uma propriedade primitiva deva ser esmagados? Que concorda que sejam dizimados? Isto é uma coisa tremenda! Esse é um episódio de civilização e é preciso impedir que esse bruto mate os índios.

Então, a intervenção de que nós falamos a intervenção protecionista, é uma coisa que é fatal e que tem que ser dada. Precisa, é claro, ser bem dada, é preciso ser dada com critério, não?

(Intervenção de um indivíduo, supostamente da FUNAI, falando da não participação de antropólogos).

Voce tem razão, veja só: A maior parte dos antropólogos brasileiros começaram a ser antropólogos no SPI brasileiro. Eu pessoalmente, que organizei a seção de estudos do Museu do Índio, trabalhava comigo então, o que trabalhava com meu colega Eduardo Galvão, que era o principal antropólogo brasileiro, o mais importante antropólogo brasileiro, Curt Nimuendaju, um alemão, que se naturalizou índio brasileiro. Curt Nimuendaju trabalhou anos no SPI, Roberto Cardoso foi formado por mim no Museu do Índio.

Hoje não existe nenhum, (me parece) ou seja, a FUNAI de hoje abjura a antropologia. Voce pode dizer, que muitos antropólogos, tem uma atitude de tirar dos índios e não dar a eles. Uma atitude diferente da minha, da sua, voce pode dizer isto. Voce deve dizer antes de que havia muito antropólogo na FUNAI, e não há mais isso é uma coisa muito grave, porque uma FUNAI, sem antropólogos é como um hospital sem médicos. É um absurdo completo.

Presidente da mesa:

Parece que esta resposta do prof. Darcy pode ser completada na resposta que ele possivelmente viera a dar nessa pergunta que já estava aqui escrita: "O que a FUNAI tem realmente feito em favor dos índios".

Darcy Ribeiro:

Ouçã; é muito melhor a gente ver isto com muito cuidado.

Eu estou aqui acusando a FUNAI: Eu fiz cinco perguntas à FUNAI e ela não respondeu ainda de público e que eu desafio o presidente da FUNAI a dar. Desejo que ele dê esta satisfação à opinião pública.

Agora, é muito melhor o mundo com FUNAI do que o mundo sem FUNAI. Não haver FUNAI é entregar os índios ao contato direto com os seus inimigos imediatos. A FUNAI é um agente mau. Meu e seu. A FUNAI existe lá, representando o Estado brasileiro. São funcionários burocráticos, mas estão lá cumprindo um dever de lei, de dar amparo aos índios contra aqueles que querem dizimá-los.

Então, não se trata de ser contra a FUNAI, não se trata de liquidar com a FUNAI. Se trata de levá-la a cumprir sua finalidade. Se trata de devolver a FUNAI a lealdade que o antigo SPI tinha, o ideal de Rondon, que não é um ideal antropológico; que é um ideal de proteção e amparo.

Então é preciso anotar bem, que quando eu estou atacando, eu não quero acabar com a FUNAI. Eu quero, é que a FUNAI se fortaleça, mas, como uma FUNAI que exista para amparar os índios.

Uma das perguntas que eu fiz foi: Se é verdade ou se é mentira que 80% das verbas da FUNAI são para pagar funcionários.

A segunda pergunta, é se é verdade ou se é mentira, que mais da metade da verba da FUNAI, é gasta em Brasília.

E outras perguntas, quanto aspectos técnicos de como atua o órgão que explora as terras indígenas, (as terras dos índios), se este órgão presta contas ou não presta contas, (que é uma pergunta técnica muito mais importante).

Nós diante da opinião pública, temos que obrigar a FUNAI a prestar contas. E obriga-la a se desempenhar como um leal representante nosso, do povo brasileiro, como leal representante do Estado brasileiro, que deve aos índios uma parceria de proteção.

(Outra intervenção do mesmo indivíduo citado anteriormente falando sobre as missões).

Poderiam. Eu não estou lutando por FUNAI e contra missões, não. Deixa eu tentar responder.

As missões religiosas, a elas se aplicam os mesmos princípios. Eu acho, o melhor, que exista uma missão ruim junto ao grupo indígena, do que não exista nada. Eu acho melhor que exista uma FUNAI de boa qualidade. Mas, uma missão, é melhor que um fazendeiro que vai explorá-la.

Agora, quanto as missões, houve uma mudança profunda nos últimos anos, profundíssima! Da Igreja católica, que mudou aqui (voce sabe, desde João XXIII) e mudou lá também e mudou no país inteiro. Aquela missão religiosa, intolerante, que estava ali para acabar com feiticeiros, para acabar com as "heresias", para perseguir os costumes indígenas, que queria todos os índios obrigados a viver em

casinhas, tipo cristão e que impedia de fazer suas grandes casas comunais, isto acabou!

Há uma Igreja Católica hoje, um CIMI (Conselho Indigenista Missionário) que está lutando ao lado dos antropólogos e da opinião pública, no sentido de melhor amparar os índios.

O que eu estou reclamando hoje, é que os protestantes façam a mesma coisa. Os católicos progrediram muito mais. Os protestantes estão muito mais subservientes ao Estado. Nenhuma missão protestante está preocupada. (como estão as católicas agora) com o compromisso de que, o primeiro dever de uma missão, é registrar terras em nome dos índios. As missões protestantes não se preocupam com isto e isto é muito mal.

As missões católicas, tanto se preocupam, que a missão (uma das mais antigas) salesiana de Mato Grosso, no esforço de devolver as terras de Meruri, aos índios que estavam registrados em nome da ordem salesiana. A oposição dos fazendeiros foi tal, que o padre morreu (foi assassinado), vocês bem sabem o episódio, que saiu em toda a imprensa.

Então há hoje, uma atitude nova e que merece de nossa parte uma atitude de respeito para a postura das missões católicas. E a nossa posição, tem de ser a de pedir, de exigir, que as missões protestantes, tenham a mesma postura.

(Novamente interrompido, pelo indivíduo citado, falando sobre a missão Salesiana do alto Rio Negro).

Eu estive no Rio Negro, concordo que as missões salesianas tinham que fazer um seminário, como este - seminário, como este - semanalmente. Os missionários salesianos do rio Negro estão em contato com setenta grupos indígenas. Tem pontos de contato. Eu acho muito mais importante, eu ir lá, como fui (passei lá com Carminha) uma semana lá, conversando com eles, (meio intolerantes ainda). Mas, querer que eles melhorem é bem melhor do que tirá-los de lá, seria liquidar com a vida dos índios. E eles estão progredindo, eles estão melhorando. A atitude da missão salesiana hoje, quem diz sou eu, que escrevi acusações sérias sobre os salesianos anos atrás, a minha afirmação, com a minha responsabilidade de antropólogo hoje, é de que a missão salesiana está fazendo grandes esforços no sentido de mudar o seu estilo. Entre os diretores da missão hoje e os de 1916, há uma grande diferença e é preciso saber que o importante é estar lá atendendo os índios.

(Outra interrupção do indivíduo já citado, causando insatisfação no auditório).

Olha, deixa eu propor uma coisa a você. Eu sou um antropólogo, estou disposto a discutir, não quero fazer muito diálogo, estou à suas ordens ainda. Mas, eu digo, que você tem um "prato" ótimo, meu querido!

Amanhã, vão estar aqui dois missionários, então, não sou eu a autoridade para isso. Falei com eles, não é?

Pergunta

( Diretamente do auditório)

A lembrança que eu tenho, não é bem de índios soldados, é de um cerrado imenso, são de regatos, rios, limpos, cheios de peixes. Então a pergunta que eu tenho como mineiro e como mineiro que está vendo sua terra sendo devastada é o que está sendo feito,, para lutar, para ajudar a luta pelos índios, a luta pela preservação da civilização indígena, com amor pela preservação da natureza, pela preservação da ecologia.

Darcy Ribeiro:

Meu querido, eu estou totalmente de acordo com voce. Deixa eu contar para voces.

Eu passei dez anos, eu estou totalmente de acordo co ele ( Protestos no auditório).

Ele falou, se eu não acho importante defender os cerrados, as florestas de Minas Gerais que não ele conheceu índios , mas, ele viu a natureza de Minas Gerais sendo degradada, Ele teria visto riachos, rios e peixes e que agora estão contaminados

Quando eu digo a voces, a minha experiência é a mesma. Eu passei dez anos no exílio. De volta ao Brasil, uma das coisas que me assustou, foi indo para minha cidade ( que é Montes Claros ) vi que minha região é careta. Acabaram com as árvores.

Uma região muito quente, de muito sol, não há mais o redor das casas aqueles enormes de árvores bosques, pequenos florestas de faleria ao longos dos rios . Não há mais nada !

Essas Siderugicas de mentira, feitas com lenha, que dizem que estão plantando eucalipito para queimar lenha enquanto o eucalipito cresce ( ou não há eucalipito nenhum ) estão queimando o que é de mata aqui.

Como eu vinha de outros países, como eu vinha da europa... Por exemplo, a palavra alameda, que nós usamos, diz respeito a alamo. Uma das experiência que eu nunca vou esquecer, é andando pelas estradas da França, as estradas de alamos e alamedas, que são léguas e linguas mandadas plantas por Napoleão, com imensas árvores, que tem dois séculos e meio. Imensas árvores seculares que ele mandou plantar e que estão lá respeitadas.

Eu vi, por exemplo, no interior da França , uma cerimoniazinha simples. Estavam um prefeito de uma comunidade , estavam derrubando uma árvore. Eu cheguei para ver então fiquei sabendo que a cerimonia era o seguinte: Para derrubar uma árvore, o prefeito tinha que estar presente e ele tinha que plantar outra no lugar. Ou seja, ele deu autorização para derrubar aquela árvore e ele plantou outra. Isto é uma gente que respeita a natureza. Nós o que fazemos? Permitimos vandalizar a natureza.

Andando pelo norte de Minas, a única mercadoria que eu vi descer lá em caminhão, foram caminhões de carvão, carvão vegetal. Estão acabando com Minas Gerais, pa



ra produzir o que? Meio quilo de ferro gusa, para exportar. Estão exportando a  
graça, a alegria de uma região que é cada vez mais feia.

Auditório:

Não estão dando somente a beleza de nossas terras, estão dando a fer-  
tilidade de nossas terras, estão transformando as águas que haviam, as nascent-  
tes que haviam. Estão exportando também a alma do povo, que tinha condições de  
sobreviver e que hoje, está tendo que vir para a cidade, porque? Porque as ter-  
ras, além de tomadas pelos grandes capitais e mesmo porque os grandes capitais  
serraram as grandes cerrados que aqui tinham.

Presidente da mesa:

Há uma chuva de perguntas aqui. Então, enquanto eu passo está pri-  
meira aqui, eu vejo se eu tento selecionar aqui, porque pode ser que várias este-  
jam repetidas.

— "Gostaria de maiores esclarecimentos sobre a auto-dizimação das  
tribos"

Darcy Ribeiro:

A única referência que eu tenho a esse respeito, que eu trato no meu  
livro, é de que certas populações indígenas no Brasil e certa população da Me-  
lanésia, quando levadas a certas condições de extremo desespero, desengano, per-  
dem o desejo de viver e morrem porque não desejam viver. Esse é um extremo mais  
profundo que eu conheço de desespero humano.

Há uma descrição da Melanésia, de uma área de povos que viviam na  
beleza dos mares do sul e que foram atacados por uma enfermidade chamada "missio-  
nários — protestantes — fanáticos" que chegaram lá, para provar, que aquelas pe-  
dras onde faziam por exemplo, suas necessidades higiênicas (sobre pedras) e eram  
consideradas divindades ... Eles fizeram tais brutalidades, esses missionários in-  
gleses! Diz um inglês muito importante, que estes índios começaram (essas popula-  
ções) a cavar suas sepulturas e deitar para morrer; porque não queriam viver.

Há indicações no Brasil, deste estado de desespero. Eu conheci um ín-  
dio a quem ocorreu isto. Que não quis viver, deitou na rede e declarou que ia  
morrer e morreu. Tinha perdido os filhos e a mulher, estava muito desenganado e  
este é o estado mais extremo de anomia, em que o homem perde o desejo de viver e  
aparentemente pode morrer, (sem suicidar) porque não quer viver. Esta é a única  
coisa parecida com a auto dizimação de índios.

Presidente da mesa:

Eu vou ler várias perguntas ao mesmo tempo aqui, quer dizer, uma de  
pois da outra, para os dois dividirem, acho que fica mais prático.

— "Como poderia adequar a economia indígena à economia capitalista sem destruir a unidade tribal - Em que nível a emancipação está ligada a esta relação?"

— "Professor Darcy, como parte de uma mobilização geral da opinião pública em favor das populações indígenas, proporia o começo de um movimento de abaixo-assinado, semelhante ao contra o aumento do custo de vida, a partir deste momento agora; O que acha o senhor?"

— "Darcy, tendo como base a história, ou seja, a invasão dos povos com culturas "superiores", em territórios ditos primitivos; qual a sua previsão para que os índios, sua cultura, suas tradições, sejam praticamente aniquiladas?"

— "Qual a possibilidade, de coexistir a cultura indígena e a nossa, dita ocidental?"

— "Pelo que deu para perceber, o trabalho dos antropólogos e o da FUNAI, não andam de mãos dadas. Qual a relação entre: exército, índio, roupa, nu deza, avião e flecha?"

— "Estando em época de eleições, haveria alguma forma prática, de se fazer alguma pressão contra a nova atitude do governo sobre os índios?"

— "O que os índios pensam, sobre esta situação, sobre o nosso governo em relação à eles e sobre aquelas pessoas, que tentam preservar sua raça?"

— "Como o índio se sentiria no ambiente que é dado para ele, sendo este ambiente diferente do dele?"

— "O professor Darcy, poderia definir para nós, ou para mim, o termo - aculturação? Esta aculturação, não seria uma forma lenta, gradual e segura, de desacreditar e despir o índio de seus costumes e tradições?"

— "Porque a FUNAI não tem antropólogos?"

— "O que se tem a dizer, a respeito da introdução de práticas homossexuais em determinadas tribos indígenas? Denúncia feita algum tempo em revista conceituada"

— "Darcy, gostaria que voce falasse da situação atual dos Kaingang e quais são suas chances de permanecerem nas terras."

— "A nível nacional, quais as possibilidades de se repetir o conflito de Nonoai, os conflitos do Sul?"

— "Até que ponto, o conflito atinge o governo? Até será, que pesa mais, o desgaste entre índios e colonos?"

— "O que existe, ou o que pode ser pensado, em termos de uma luta comum, institucionalizada, pela libertação dos índios e de outros setores oprimidos em nossa população, como por exemplo: os passeiros, os operários, os marginalizados urbanos; desde que a causa comum uma só, por trás de toda situação de opressão".

— "Carmem, disse, que devemos reservar o índio para só tomar contato com a sociedade brasileira, quando esta estiver preparada para isto, ou seja, possuir caráter igualitário. Entendendo pois, que o principal problema, reside no sistema capitalista e que a solução se encontra, talvez no sistema socialista, vocês poderiam dizer alguma coisa sobre experiência de noções socialistas africanas, (recentemente libertas) em entregarem suas tribos, negras primitivas, no esforço, no desenvolvimento dos respectivos países".

— "A citação do livro: "Veias abertas da América Latina", sobre o envenenamento maciço de índios, com arsênio, (?) e fuzilamento por helicópteros além da conveniência, qual seria a participação governamental nisto?"

— "Qual a sua opinião sobre a transferência de comunidade indígenas do Rio Grande do Sul, para parques nacionais no Amazonas? (problemas de adaptação ou seja, mudança de habitat, etc...)"

— "Fale por obséquio sobre os trabalhos de Mário Juruma"

— "Carmem, sabe-se que um grupo de antropólogos da UNB, aceitaram discutir o problema da emancipação com o ministro Rangel, à portas fechadas. O que acha disto?" Carmem, voce foi também convidada; (conforme a imprensa) porque não foi?"

— "Uma proposta: saírmos todos daqui desta sala - nós - em solidariedade aos índios brasileiros".

— "Senhores, gostaria de fazer um convite ao senhor ministro que mora em Brasília. Que ele tentasse permanecer vivo, por um ou dois dias, não no meio da floresta, onde vivem os índios, que segundo ele (o ministro) é uma forma atrasada de viver.

Obs.: Que ele vá sozinho, sem guarda-costa".

#### Carmem Junqueira:

Bem, eu acho que responder a todas as perguntas não vai ser fácil. Daquelas que eu estou me lembrando e que me chamaram mais atenção eu vou dizer alguma coisa.

Realmente eu acho que aquela situação de fazer com que as populações indígenas coexistam com o nosso mundo capitalista, não são fáceis. Mas, elas também não são fáceis num regime socialista conforme foi colocado numa questão.

Algumas experiências africanas, que a gente ouve de segunda mas, apontam ainda, que nestes socialismos nascentes, ainda há problemas que são colocados hierarquicamente, acima de problemas de certo respeito mais profundos por etnias.

De sorte, que em nome então de uma maior igualdade social, em nome de se dar alimento para todo mundo, por vezes parece que se passa por cima de um xamã, de um feiticeiro, de um outro.

Mas, eu infelizmente não conheço a situação na África. As notícias relativas a alguns países africanos, elas não me pareceram muito boas. Isto mostra, que não basta somente um socialismo, uma reorganização da economia em moldes socialistas, para que haja espaço para a população indígena. Acho que precisa ser um socialismo mais integral realmente, que reorganize não só a economia, mas que de fato reorganize o homem também. Eu imagino assim.

Com relação às perspectivas no Brasil. São péssimas!

Eu só estou com vontade de responder aquela pergunta do negócio da emancipação, que eu entrei no rolo.

Realmente, o presidente da FUNAI, convidou alguns antropólogos para discutir o problema da emancipação. (em Brasília). Essa reunião, já foi adiada duas ou três vezes. Finalmente ela tinha sido marcada agora, para o dia doze de agosto (onze ou doze) e foi transferida novamente para setembro, incluindo vários funcionários da FUNAI, alguns antropólogos de São Paulo, outros de Brasília e outros do Rio.

Agora, com relação a conversa à portas fechadas, e, parece que efetivamente ocorreu entre antropólogos da universidade de Brasília e o ministro. E não só ocorreu, como deu frutos também. Porque eu tenho em mãos (não aqui em Minas) em São Paulo, um projeto alternativo de emancipação, que foi feito por esses antropólogos.

Agora, nós não temos absolutamente nada com isso. Nós vamos ter agora, (sábado) uma reunião bastante ampla, lá em São Paulo, onde infelizmente o Darcy não vai poder estar, para assumir uma atitude não só de repúdio ao projeto alternativo.

Da minha parte, é por aí que eu fico. Acho que o Darcy vai falar um pouco, né, Darcy?

#### Auditorio

Professora Carmem, eu gostaria que a senhora respondesse a questão da possibilidade (daquela pergunta que eu fiz) do índio, se ele deve ser indiferenciado ao ser proletarizado ou se não, qual é a possibilidade de reintegração dele?

#### Carmem Junqueira:

Eu acho que não há necessariamente, o índio, não tem necessariamente que ficar indiferenciado dos demais proletários, pelo fato de participar da mesma forma de trabalho. Acho que da mesma forma que a gente pode ver um basco participando de um mundo capitalista, que a gente pode ver, certas minorias,

participando do mercado de trabalho capitalista, então eu acho que o índio pode guardar, veja bem - no nível apenas ideológico - porque realmente, a prática social dele, vai se alterar.

Mas, como ideologia, ele pode mantê-la ao lado de uma ideologia nacional. Por exemplo: Ele tinha uma ideologia tribal, agora, as manutenções de padrões culturais na sua totalidade, ou nesta riqueza, como já foi esboçado aqui, que persiste em sociedades isoladas, quer dizer; isso é impossível! Eu não vejo possibilidades.

Agora, etnia quanto forma ideológica, de se identificar como grupo, de querer se manter como grupo, acho que há possibilidade. Desde que não se mate os índios, ou não submeta-os a uma situação assim terrível de exploração como a acontece aqui, né?

Nos EUA, acho que há bastante esse casamento de população indígena e universo capitalista. E é mantida uma ideologia étnica e fica o povo ali, né?

Sou eu quem diz isso, minha gente. Porque o que é mais rico, é o que se esvai e que não se tem muita possibilidade de se impedir. É por isso que quando eu falei a vocês, que é fundamental que a gente pense no destino dos índios junto com o -nosso destino também, né?

#### Auditório

O que fazer? Eu estou me lembrando, que no ano passado, houve no sul uma reunião semelhante a essa, onde nós fundamos a ANAI (Associação Nacional de Apoio ao Índio). Apesar de estar distante do grupo, há dez meses, sei que a primeira idéia da ANAI, era de se difundir essa associação por todo o Brasil.

Então, eu convidaria a todo mundo, aos que estão aqui e os que não estão, (através de vocês), que entrassem em contato com os DAs, (diretórios acadêmicos) e que a gente pudesse conversar, trazer a ANAI para cá.

#### Carmem Junqueira:

É, a gente tem acompanhado a atuação da ANAI, lá no sul. (Tem sido realmente...) se existe alguma coisa fecunda a se fazer, é o que vocês estão fazendo. Inclusive, nestes eventos agora, de invasão de índio, ou de expulsão dos colonos, a ANAI teve uma posição muito correta. Seria muito interessante, seria muito longo talvez, a gente expor aqui toda a trajetória desta associação, mas, talvez fosse importante vocês estabelecerem um contato assim e ficarem sabendo do que se trata.

#### Darcy Ribeiro:

Bom, são muitas perguntas, como vocês viram. Seria impossível responder à todas. Dar a atenção, que cada uma delas merece. Mas, é muito bom que tenham tido tantas perguntas.

Nunca, no passado, voce podia reunir em Belo Horizonte, uma assembléi a tão numerosa para discutir um tema como a questão indígena. Então, há mais gente agora do que houve a qualquer tempo, para que se discutisse questões generosas e importante como esta, com o sentido humanístico. É muito bom que isso exista em nossa cidade, em Belo Horizonte. É muito bom também, que tanta gente seja preocupada, a ponto de escrever perguntas, (nós temos inúmeras perguntas aqui) o que indica que não se trata apenas de um interesse intelectual, mas, é um sentimento de participação.

As perguntas todas, revelam alguma angustia, algum desejo de fazer alguma coisa, um esforço de compreender, maior do que o habitual, de quem vai assistir uma fita de cinema, ou ver um programa de televisão, ou assistir uma conferência erudita.

Nós estamos aqui, num ato de militância, de participação humana. E sentidamente isto, é uma coisa muito mais importante, que a lucidez e o coração, que o sentimento e a racionalidade estejam somadas para propósitos como este, que são impessoais e são muito importantes.

Eu vou tentar dizer algumas coisas finais, com respeito as perguntas. Muito mais que responder a elas, mas, motivado por elas.

Alguém pediu mais explicações sobre o processo de aculturação. Era "engordar papo para cobra", era preparar os índios para serem liquidados pela civilização.

Bom, assim é. Mas, ninguém está querendo ocultar os índios. Não há uma política de aculturação, nem há uma política digamos assim, não devia haver uma política de integração.

Há um processo natural de aculturação. Se os índios entram em contato com a civilização, inevitavelmente vai havendo uma influência muito profunda, que não é recíproca.

A nossa sociedade, já absorveu o que podia absorver dos índios. Deles, nós recebemos todas as plantas americanas que cultivamos, coisas importantes como a mandioca, milho, tabaco, amendoim. Quarenta espécies! Pense só nisso: nós não tiramos da floresta uma só. Nós somos a floresta mais rica do mundo e nós não domesticamos uma só espécie, nenhuma! Eles, domesticaram quarenta e nos entregaram Quarenta, que são importantes, como essa chamada batata inglesa (que por sinal, é muito indígena!), ou batata doce, ou cará, ou inhame, ou milho, ou mandioca, ou.. quarenta espécies!

Então, nós não recebemos só essas quarenta espécies, mas, o nome das coisas da natureza, das árvores, dos bichos; também as técnicas de caçar e de peixar; os modos de ajustar a natureza; o modo de se fazer um tipo de agricultura popular e de subsistência, que ainda se faz no Brasil. Mas, a sociedade nacional, absorveu como podia absorver deles, como mecanismo de sobrevivência e hoje quando se aproxima deles, aproxima esmagando-os, aculturando-os, obrigando-os a serem cada vez mais parecidos conosco, no que fazem, no que comem e como se vestem ou não se

A isto, se chama aculturação.

Eu suponho, que nenhum antropólogo, esteja propondo aculturar ninguém. Aculturação; é um processo natural. Se duas populações culturalmente diferentes, entram em contato e sobretudo, esse contato está regido por uma situação de dominação, em que um, tem o domínio da propriedade, dos instrumentos de trabalho da economia e pode impor outro a sua vontade, isto é, tremendamente deprimente para o grupo que está submetido

Então, aqui se trata não só de uma relação cultural que é opressiva, porque não se trata de um intercâmbio cultural como os teóricos da aculturação falaram antes, mas, também se trata de um sistema que além da influência propriamente cultural, ocorre em várias outras, muito antes de como cultura.

Muito antes que nós aculturemos os índios, levando uma idéia moral ou uma idéia religiosa ou uma idéia sanitária aos índios; muito antes que nos chegamos a influir no plano cultural, ou mental, ou espiritual, nós influenciemos levando gripe, gonorréia, sífilis, cárie dentária (que eles não conheciam), influenciemos levando a propriedade privada e invadindo a terra deles. Influenciemos acabando com a ecologia e substituindo a caça por gado, (que não é deles) que não pode ser por eles caçada. Influenciemos obrigando o índio (para poder obter aquelas coisas que se converteram em necessidades, como: o fósforo, instrumentos de metal, roupas, remédios) a se vender como trabalhador assalariado, como bôia-fria, como pior que qualquer bôia-fria, porque não tem motivação, como qualquer bôia-fria para trabalhar.

O destino do bôia-fria, não é desejável a ninguém no meu mundo. É provável, que o bôia-fria brasileiro, seja o trabalhador mais esmagado deste mundo. Seja uma categoria de gente mais explorada na face da terra hoje!

Pois bem, o índio-bôia-fria, tem uma situação ainda pior, porque o esmagamento que ele sofre, é muito pior porque não está condicionado nem preparado para aquele tipo de relação e não sabe como se defender dela. Então, a situação do índio, que se vê agarrado por alguém que quer explorá-lo, (como a sua mulher, a sua filha), que o esmaga, que o deprime e que o explora, é pior ainda que o bôia-fria.

Esse é um processo feroz, que além de ser propriamente aculturativo, envolve uma série de compulsões que são para os índios, tremendamente destrutíveis.

Saindo da aculturação como coisa teórica, para coisas práticas, o que encontramos?

Algumas pessoas estavam interessadas em temas, como o futuro do índio. Eu diria a vocês: Eu estou convencido de que o futuro, não vai haver menos índios, mas, que vai haver mais índios no Brasil. Também na América do Norte, a população indígena descreveu algo que até trezentos mil, e depois subiu para dois milhões. Aqui também:

Depois do contato com as primeiras moléstias da civilização, (que a dizíma) ela via pouco a pouco se restaurando. Índios como os Terênas (no sul do Mato Grosso) são agora o dobro do que eram vinte anos atrás, e serão dentro de vinte anos, três vezes mais do que são agora.

Outras tribos, que conseguiram sobreviver, estão aumentando de número. O que se tem que compreender bem, é o processo duplo, é um processo muito complexo, processo pelo qual, o índio depois de muito dizimado, ele retém sua população, e tende a aumentá-la. Aumentar discretamente, mas tende a aumentar a população indígena. Então, vai haver mais índio no futuro. Essa é uma dimensão.

A outra dimensão, é que o passo, o processo, não é do índio ao civilizado, do índio ao não-índio. É uma passagem do índio específico, com seus costumes, com seus atributos, com suas figuras, à um índio genérico. Um índio que não sabe falar sua língua, que não tem quase nada dos seus costumes, mas, que permanece indentificando-se como índio (tal como o judeu se identifica como judeu, como o cigano se identifica como cigano).

Por que se identificam?

É como eu disse inicialmente, este é um problema muito complexo, porque essas população que conservam o vínculo comunitário, tendem a permanecer com a imagem de si mesmas, como povos diferenciados. O fato é que permanecem.

Toda a história brasileira, estava fundada numa teoria, a qual os índios iam pouco a pouco se civilizando, e, um belo dia, uma aldeia se converte numa vila, e de vila em cidade.

Onde quer que haja dados (isto eu escrevi um livro demonstrando) se verifica que isto não ocorre. O índio não vai se civilizando. O núcleo civilizado, vai crescendo, esmagando o grupo indígena e ele, ao lado do civilizado, vai murchando, minguando e desaparecendo. Se ele pode sobreviver, ele sobrevive. E agora começa haver condições para que muitos grupos sobrevivam, mas, sobrevivam simultaneamente ao trânsito da condição de índio específico, à condição de índio genérico.

Mas, mesmo como índio genérico, ele preserva, porque precisa preservar e por que tende a preservar, um certo senso comunitário, uma economia co-participada. A economia de um grupo, cujo objetivo é reproduzir suas próprias condições de subsistência, seu objetivo não é fazer fazendeiros ficarem ricos.

Então, a condição dele, é uma condição diferente da condição do cabloco. Por isso, às vezes, o cabloco desejaria ser índio; no sentido, que seria de sair daquela condição de omissão mais imediatamente e brutal, para uma condição, que ele possa viver uma economia que, quando há penúria, participam todas da penúria e quando há fartura (eventualmente), todos participam da fartura.

Então, esses são aspectos desse processo.

Outro tema, que interessou aparentemente muitos, foi o dos Kaingãng e de outros grupos do sul. Essa é uma experiência muito importante, porque, qualquer lugar do Brasil, (uma casa, um apartamento, uma fazenda), uma propriedade particular, que seja invadida, o proprietário se vai à polícia ou ao Juiz, consegue de imediato que a propriedade lhe seja devolvida. Essa sociedade se baseia nesta ordem. A coisa mais sagrada desta sociedade, não é Deus, é a propriedade!

Então, a propriedade está tremendamente defendida. A polícia, o exército, existem aí, para defender a propriedade; estão contra alguém, faça subversão contra a propriedade.



Só uma propriedade não é defendida. A propriedade dos índios.

Quando uma reserva indígena, uma terra indígena, é invadida, ao contrário do que aconteceria a um fazendeiro, ele reclama com a FUNAI, e a FUNAI, reclama com a polícia; ela, reclama com o prefeito; ele, reclama com o governador; ele, reclama com o presidente, mas todos prometem dar um jeito, e ninguém dá jeito nunca.

O que fizeram, os índios Kaingang, do Rio Grande do Sul, agora?

Disseram: Bem, nós vamos fazer flecha outra vez e vamos por este pessoal para fora, para ver o que acontece.

Acontece, que a FUNAI, resolveu o problema. Aquele grupo, viu pasto para fora os invasores. É claro que isto criou um problema para o governador do estado. Aqueles invasores, eram pobres pessoas também. Mas, que o governo resolva o problema da pobre gente e não que os índios, senão acabam por eles serem expulsos.

Quando alguém perguntou aí: "Seria justo mandar os índios para a Amazônia?". Eu respondo: O índio, é muito mais gaúcho, que os gaúchos. Estão lá, há muitos séculos antes que o gaúcho. Então...; deixá-los índios lá. Numa terra que sempre foi deles! Porque tirá-los desta terra? Porque a eles, não respeitar uma propriedade, quando em todo lugar se respeita a propriedade?

Então, a experiência de todos no RGS, é vitalmente importante. Eles conquistaram novamente suas terras, porque puseram os invasores para fora.

Em Minas Gerais, há muitos anos atrás (1917-1918) nas matas do rio Doce, habitaram vários grupos indígenas que foram pacificados. Eram índios de arco e flecha, mus. Em 1918; 1920-1925, aqui no vale do Rio Doce, esses índios viram todas as suas terras tomadas. Ninguém os defendeu e nem eles se defenderam também. O que restou deles quando os fazendeiros acabaram de invadir a polícia foi lá, e como espécie de marginais, recolheu-os e foi colocar numa fazenda guarani, que é uma fazenda que a polícia mineira, mantém para fazer treinamento de tiros. Lá, ainda se encontram restos destes índios.

É uma violência que tenha ocorrido isto!

É uma violência porque vocês não estavam aí. Não estavam advertidos. Este país estava calado, em silêncio! Já não está em silêncio; as bocas estão abertas, a imprensa está aí, nós estamos dispostos a falar, para que isto não aconteça mais e também, que quando isto venha acontecer, que gente como vocês, estejam ao lado do fazendeiro; para dizer: É uma vergonha que aconteça isto!

Porque, p que ocorre, é que a população mineira, que está ao lado do índio, é tremendamente impredisposta com os índios. A postura dela, é uma postura de quem está ofendida porque existe índios ali.

Então, uma coisa que vocês tem que fazer também é ganhar a opinião pública, para demonstrar que esta gente tem o direito de existir; que nesta gente, há uma espiritualidade; uma dignidade e que mesmo debaixo das molambos deles há um ser humano.

As vezes, de um nível de espiritualidade (a Carminha - conhece uns índios guaranis de São Paulo, e havia em Minas (também alguns ainda nesta fazenda guarani - ela tem experiência disto; e eu também) a primeira vista você considera que são maltrapilhos, marginais, tão pobres, tão disfeitos estão. Pois bem, é um dos grupos indíge-

nas, que tem mais vida intensa espiritual. A beleza da concepção de mundo deles, é tão grande que eu não resisto à tentação de contar um episódio para vocês:

Eles transformaram, o mito da criação no mito da destruição.

O mito da criação fala de um grande tigre azul, que cobria toda terra e que é a origem do sol e da lua. Eles dizem agora, ou melhor, contam o mito de forma diferente. Eles contam que o grande tigre-azul, maior que a Terra, estava andando no espaço e olha a Terra, e a Terra diz ao grande tigre azul: Pai! Estou cansado de comer cadáveres. Pai! Põe um fim, pai!

A espiritualidade disto! Quer dizer; um povo que vê o seu próprio drama, e projeta na natureza, a beleza disto. A dignidade também, deste sofrimento, é alguma coisa que merece de todos nós respeito. E não é um boçalão de um fazendeirão, que quer tomar as terras dos Índios, que vai compreender isto. Isto é responsabilidade, de nós, intelectuais. Entendemos e temos dignidade de ser um pouco Índio também, de nos colocarmos ao lado deles para defendê-los.

Neste campo, para terminar, eu quero dizer à vocês, que as experiências estão a me dizer; que quem vai salvar os Índios, não somos nós (que se crie ANI, (estou aqui para ajudar) ou fazendo reuniões como esta estamos ajudando) mas, quem vai salvar os Índios, são os Índios mesmo.

Eles começaram a se reunir. A única instituição que dá amparo nisto, é a Igreja Católica, que tem costa-larga e coragem para fazer isto, e está promovendo reunião do chefes indígenas em diferentes lugares do país.

A beleza, é que o Índio que se assume a si mesmo, e assume com dignidade, é alguma coisa de atitude extraordinária!

Para terminar, vou contar à vocês um pequeno episódio.

Um grupo indígena pacificado por Rondon que teve contato com Rondon (Índios do fundo do Mato Grosso, na fronteira com a Bolívia) os Índios. Parecia, foram depois missionarizados por mais de sessenta anos pelos jesuitas, e os jesuitas, tentaram convertê-los, ganhá-los.

Não converteram! Porque ninguém converte ninguém. Índios, com século de conversão, podem mudar sua mentalidade, porque mudaram sua vida, mas, esta idéia de conversão, é uma louca idéia.

Pois bem, esses Índios, por sessenta anos foram trabalhados pelos jesuítas, e caíram num estado de desmoralização tal, em que, praticamente (os homens) umas das fontes da vida, era alugar suas mulheres para trabalhadores que estavam invadindo aquela região.

No momento em que, a companhia de Jesus, com sua nova linha, mudou de atitude. Quando o missionário, depois de estar na Europa, voltou e disse: Agora mudou, a vida mudou, agora a minha casa está as suas ordens, agora vamos viver juntos. Chegou o tempo de fraternidade! Os Índios não entenderam bem, e perguntaram: Então o caminhão, o caminhão é nosso também?. Então nos dá o caminhão? Então ele deu o caminhão, então eles pediram a gasolina e aprenderam a mexer com o caminhão. Então eles começaram a experimentar para ver se era verdade; depois disseram Sua casa é bonita, a nossa é feia! O missionário saiu da casa, foi morar com os Índios, e conver

teu a casa numa escola e passou a viver com os índios eu conheci este missionário, o último que estava lá)

Então, se deu um milagre incrível! Esses índios, tão desmoralizados, tão quebrados, tão cachaceiros, tão prostituídos, tomaram-se diante a si mesmos, para se reconstruíram. A situação deles hoje, é melhor do que nunca foi, e inclusive umas terras que estavam sendo invadidas por um fazendeiro, que estava fazendo grande plantação de arroz, eles defenderam, foram lá e puseram para fora. Não pediram a FUNAI, nenhuma( E a FUNAI depois, ficou com um problema, de que os índios puseram o fazendeiro para fora.

De quem é a terra? A FUNAI que se arranje! Elestiraram a cara para fora.

Então, isto dos índios se assumirem, e serem ajudados a se assumir, Porque não poderiam assumir assim - sozinhos - , mas, se alguém der um empurrão ---- Se a gente dá um empurrão, se a gente é solidária, se a gente, como nós aqui, que compreende, ajudar , eles terão mais chances, não é?

= = =

Este seminário foi realizado na Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG numa promoção do Grupo de estudos sobre a questão indígena.